

A LIBERDADE DA CIDADE

David Harvey

Tradução de:
Anselmo Alfredo *
Tatiana Schor **
Cássio Arruda Boechat ***

O notável sociólogo urbano Robert Park certa vez escreveu que a cidade é:

"a tentativa mais consistente do homem e a mais bem sucedida como um todo para refazer o mundo em que vive o mais próximo de seu desejo íntimo. Mas, se a cidade é o mundo que o homem criou, é o mundo no qual ele está doravante condenado a viver. Assim, indiretamente, e sem qualquer clareza da natureza de sua tarefa, fazendo a cidade o homem fez a si mesmo"¹.

Se Park estiver certo, então a questão sobre qual tipo de cidade queremos não pode estar divorciada da questão sobre qual tipo de pessoas desejamos ser, quais tipos de relações sociais buscamos, qual relação nutrimos com a natureza, qual modo de vida desejamos. Isto se assemelha com a concepção de Lefebvre sobre o direito à cidade não "como um simples direito de visita ou como um retorno às cidades tradicionais", mas "como um direito à vida urbana transformado e renovado"². O direito à cidade está, por isso, além de um direito ao acesso àquilo que já existe: é um direito de mudar a cidade mais de acordo com o nosso desejo íntimo. A liberdade para nos fazermos e nos refazermos, assim como nossas cidades, é um dos mais preciosos, ainda que dos mais negligenciados, dos nossos direitos humanos. Mas, sendo que, como Park adverte, até agora faltamos com qualquer sentido de clareza sobre a natureza de nossa tarefa, devemos primeiramente refletir sobre como fomos feitos e refeitos, através da história, por um processo urbano impulsionado para frente por

poderosas forças sociais. O ritmo e a escala assustadores do processo de urbanização nos últimos cem anos significam, por exemplo, que fomos refeitos muitas vezes sem saber por quê, como ou para quê. Isso tem contribuído para o bem-estar humano? Tem isso nos feito pessoas melhores ou nos deixado pender em um mundo de anomia e alienação, ódio e frustração? Transformamo-nos em meras mônadas arremessadas de lá para cá num mar urbano? E o que podemos agora fazer com as imensas concentrações de riqueza e privilégios em nossas cidades naquilo que até as Nações Unidas retratam como um "planeta de favelas" em explosão³.

A grande questão, certamente, é para onde ir a partir daqui. Existe alguma via para exercitar esse precioso direito à cidade que Park insinua e Lefebvre advoga? Remendar com resultados é inútil. O que tudo isto faz, como Engels certa vez notou, é girar em falso: uma favela é varrida daqui apenas para reaparecer noutro lugar qualquer. Se nos opomos ao nosso estado corrente, então o único caminho radical adiante é confrontar os processos básicos que geram esse estado⁴. Isto reivindica uma densa análise.

Quero aqui me concentrar em um macro processo particular que tem sido esquecido muito frequentemente, justamente por ser tão macro. Isto é o que chamo "o problema do capital excedente". Ele atua assim: os capitalistas começam o dia com um certo montante de dinheiro e terminam o dia com um maior. No dia

* Professor Doutor do Departamento de Geografia da FFLCH/USP. E-mail: ansfredo@usp.br

** Docente do depto. de Geografia da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: schortatiana@hotmail.com

*** Doutorando do depto. de Geografia da FFLCH/USP. E-mail: babahama@yahoo.com.br

seguinte eles levantam e têm de decidir o que fazer com o dinheiro extra que eles ganharam no dia anterior. Eles encaram um dilema faustiano: reinvestir para ter ainda mais dinheiro ou consumir o excedente. As leis coercitivas da competição os forçam a reinvestir porque, se alguém não reinveste, então, outro seguramente o fará. Para permanecer um capitalista, algum excedente deve ser reinvestido para fazer ainda mais excedente.

A política do capitalismo é dirigida pela necessidade de encontrar terrenos lucrativos para a absorção de capital excedente. Se há uma escassez de trabalho e os salários são muito altos, então ou o trabalho existente tem de ser disciplinado (desemprego tecnologicamente induzido ou uma dura crítica contra o poder da classe trabalhadora organizada são dois dos principais métodos) ou força de trabalho fresca tem de ser encontrada (pela imigração, exportação de capital ou proletarianização). Se não há poder de compra suficiente no mercado, então novos mercados devem ser encontrados pela expansão do comércio exterior, promovendo novos produtos e modos de vida, criando novos instrumentos de crédito e gastos estatais com dívida financiada. Se a taxa de lucro é muito baixa, então a regulação estatal das "ruínas da competição", a monopolização (fusões e aquisições) e as exportações de capital às frescas pastagens proporcionam a saída. E, se nada disso for possível, então os capitalistas se defrontam com uma condição de crise na qual muito de seu capital será desvalorizado. A crise toma forma de um excedente de capital que não pode ser disponibilizado. E quando o capital fica ocioso, normalmente o trabalho faz o mesmo⁵.

A urbanização proporciona um caminho para resolver o problema do capital excedente. Considere o caso da Paris do Segundo Império. A crise de 1848 foi uma das primeiras crises explícitas de capital excedente e foi extensiva à Europa. Ela atingiu Paris de maneira particularmente forte e, com capital não empregado, o resultado foi uma revolução abortiva por parte dos trabalhadores desempregados e daqueles utópicos que viam

uma república socialista como antídoto à ganância e à desigualdade capitalistas. Mas a burguesia, revidando violentamente contra os revolucionários, não poderia resolver a crise e o resultado foi a ascensão ao poder de Napoleão Bonaparte, que se autoproclamou imperador em 1852. Para sobreviver politicamente, o imperador sabia que deveria lidar com o problema do capital excedente e fez isso anunciando um vasto programa de investimento infraestrutural tanto interno quanto no exterior. No exterior, isto significou a construção de estradas de ferro através da Europa e descendo ao Oriente, bem como apoio para obras grandiosas como o Canal de Suez. Internamente, significou consolidar a rede ferroviária, construir portos e ancoradouros. Mas, acima de tudo, significou reconfigurar a infraestrutura urbana de Paris. Ele trouxe Haussmann a Paris para assumir as obras públicas em 1853.

Haussmann compreendeu claramente que sua missão era ajudar a resolver o problema do capital excedente e do desemprego pela via da urbanização. A reconstrução de Paris absorveu enormes quantidades de trabalho e de capital para os padrões da época e, junto com uma supressão autoritária das aspirações da força de trabalho parisiense, foi um veículo fundamental de estabilização social. Haussmann valeu-se dos planos utópicos (dos fourieanos e saint-simonianos) de remodelar Paris que haviam sido debatidos na década de 1840, mas com uma grande diferença. Ele transformou a escala à qual o processo urbano foi imaginado. Quando o arquiteto Hittorf mostrou a Haussmann seus planos para um novo *boulevard*, Haussmann jogou-os de volta dizendo, "não é amplo o suficiente... você o tem em 40 metros de largura e eu o quero em 120". Haussmann pensou na cidade como um todo numa escala mais grandiosa, anexou os subúrbios, redesenhou bairros inteiros (tal como *Les Halles*), mais do que apenas fragmentos e pedaços do tecido urbano. Ele mudou a cidade por atacado mais do que a varejo. Para fazer isto, precisou de novas instituições financeiras e de instrumentos de crédito. O que ele fez de fato foi ajudar a resolver o problema do capital excedente estabelecendo

um sistema keynesiano de melhoramentos urbanos infraestruturais com dívidas financiadas. O sistema funcionou muito bem por uns quinze anos. Mas então quebrou em 1868. Haussmann foi tirado do poder, Napoleão III em desespero foi à guerra contra a Alemanha de Bismarck e perdeu e, no vácuo que se seguiu, levantou-se a Comuna de Paris, um dos mais revolucionários episódios na história urbana do capitalismo. O problema do capital excedente não se extingue sob o capitalismo, ele tem apenas soluções temporárias, mas com grandes impactos irreversíveis sobre a vida urbana (os *boulevards* de Haussmann dominam Paris até hoje)⁶.

Indo agora um pouco adiante, até 1942 nos Estados Unidos. O problema da disponibilidade de capital excedente que pareceu tão intratável nos anos de 1930 (e o desemprego que com ele veio) foi temporariamente resolvido pela enorme mobilização para o esforço de guerra. Mas todos estavam temerosos a respeito do que aconteceria após a guerra. Politicamente a situação era perigosa. O governo federal estava, na verdade, realizando uma economia nacionalizada e estava em aliança com a União Soviética comunista. Todos sabemos da história subsequente às políticas do McCarthismo (sinais abundantes delas estavam presentes em 1942). Mas o que dizer sobre o problema do capital excedente? Naquele ano apareceu uma extensa avaliação dos esforços de Haussmann em uma revista de arquitetura. Documentou-se em detalhe aquilo que ele havia feito que era tão impressionante e tentou-se uma análise de seus erros. O artigo foi de ninguém menos que Robert Moses, que, após a II Guerra Mundial, fez a toda a região metropolitana de Nova Iorque o que Haussman fez a Paris. Ou seja, Moses mudou a escala de pensamento sobre o processo urbano e através do sistema (dívida financiada) de autoestradas e transformações infraestruturais, através da suburbanização e da total re-engenharia da região metropolitana, usou o processo urbano como um caminho para resolver o problema da absorção do capital excedente. Esse processo, quando abrangeu toda a nação, como o foi em todos os maiores centros metropolitanos dos Estados Unidos (ainda outra

transformação de escala), teve um papel crucial na estabilização do capitalismo global após a 2ª. Guerra Mundial. Tal projeto teve êxito até o fim dos anos 60 quando, como ocorreu com Haussmann, um diferente tipo de crise começou a se desdobrar até que Moses caísse das graças e suas soluções parecessem inapropriadas e inaceitáveis. Mas os subúrbios haviam sido construídos e a radical transformação no modo de vida que isto sinalizou teve todo tipo de consequências sociais, levando, por exemplo, a primeira onda de feministas a proclamar o subúrbio e o seu modo de vida como o *locus* de todos os seus principais descontentamentos⁷.

Agora mais adiante, para a nossa conjuntura atual. O capitalismo internacional tem estado em uma montanha russa de crises e quebradeiras regionais (Leste e Sudeste da Ásia em 1997-8; Rússia em 1998; Argentina em 2001, etc.), mas até agora evitou uma quebra global ainda que diante de um problema crônico de excedente de capital disponível⁸. Qual tem sido o papel da urbanização na estabilização desta situação? Nos Estados Unidos se aceita a sabedoria de que o mercado imobiliário foi um importante estabilizador da economia desde pelo menos o ano 2000 (após a quebra da alta tecnologia no final da década de 1990). Ele absorveu diretamente uma grande parte do capital excedente quando a rápida inflação de preços de ativos imobiliários sustentados por uma pródiga onda de refinanciamentos de hipotecas a históricas baixas taxas de juros impulsionou o mercado interno de bens de consumo e de serviços. A urbanização da China nos últimos vinte anos foi ainda mais importante. Seu ritmo cresceu enormemente após a breve recessão em 1997 ou próximo disso, de tal modo que a China absorveu quase metade do suprimento de cimento de todo o mundo desde 2000. As consequências para a economia global foram significativas: o Chile cresce por causa da demanda de cobre, a Austrália prospera e mesmo o Brasil e a Argentina se recuperam em parte por causa da força da demanda da China por matérias-primas. Mais de 100 cidades cresceram vertiginosamente acima da marca de um milhão de habitantes na China e várias estão rumando

para o nível de 10 milhões e vastos projetos infra-estruturais estão transformando a paisagem⁹ – novamente, tudo financiado por dívidas. É a urbanização da China o principal estabilizador do capitalismo global? A resposta tem de ser um sim parcial. Mas a China é apenas o epicentro de um processo de urbanização que se tornou agora genuinamente global em parte através da impressionante integração global dos mercados financeiros que usam sua flexibilidade para os projetos urbanos financiados por dívidas, desde Dubai até São Paulo e de Mumbai até Hong Kong e Londres. O banco central chinês, por exemplo, tem sido ativo no mercado de hipoteca secundário derivado do *boom* de refinanciamento nos EUA enquanto Goldman Sachs foi fortemente envolvido no surgimento do mercado imobiliário em Mumbai e o capital de Hong Kong foi investido em Baltimore. Novamente, estamos olhando aqui para uma outra transformação em escala, uma que torna difícil de compreender que o que pode estar ocorrendo globalmente é em princípio similar aos processos que Haussmann conduziu com tanta destreza na Paris do Segundo Império. A urbanização, concluo, é um veículo primordial para absorção do excedente em escalas geográficas sempre crescentes.

Mas que tipo de urbanização é esta e quais suas consequências para o caráter humano? E por quais meios e por quem esta transformação de escala tem sido realizada? No caso de Paris, podemos claramente ver as figuras de Napoleão III e seus muitos assessores, bem como de Haussmann e dos novos gênios do do crédito (os irmãos Pereire) na vanguarda. Mas para onde olhamos hoje?

Voltemos por um momento para olhar para o final da revolução urbana de Moses nos Estados Unidos. Ele ajudou, a um preço, a estabilizar com sucesso o capitalismo global por duas décadas. A inundação de investimentos nos subúrbios e a integração da economia nacional pelo sistema interestadual de vias expressas transformaram radicalmente a geografia do sistema urbano dos EUA. As cidades centrais, o núcleo tradicional das atividades produtivas, foram deixadas para trás.

A cidade de Nova Iorque perdeu postos de emprego para os subúrbios e para o Sul e Oeste (a indústria de vestuário mudou-se para as Carolinas antes, posteriormente indo para o México e agora para a China). As cidades centrais mais antigas tornaram-se terras desgastadas, centros de desemprego e pobreza crescentes e de minorias radicalmente impactadas. A economia foi bem, mas as cidades centrais não. O resultado foi o desenrolar de uma distinta “crise urbana” nos anos de 1960 em meio ao *boom* da “idade de ouro” do pós-guerra. Inquietude social, irromper de violências, movimentos urbanos revolucionários, tudo culminando no levante intracidades em escala nacional de 1968, no despertar* do assassinato de Martin Luther King. Foram os sinais chave desta aflição urbana¹⁰.

O governo federal financiou um esforço maciço para resolver a crise urbana. Fundos fluíram para as cidades impactadas e um programa público de emprego, amplamente, mas não somente, nas mãos dos governos municipais, foi destinado para aliviar a pobreza e a injustiça racial e trazer as cidades centrais de volta à vida. Na cidade de Nova Iorque, o empoderamento das minorias raciais e dos sindicatos municipais veio de mãos dadas com o aumento dos gastos nos serviços municipais (educação e saúde). A isto a cidade adicionou sua própria caridade, tendo descoberto, com a ajuda dos investidores bancários, muitos caminhos para aumentar o endividamento. A cidade fez o que Haussmann de fato fez: usou notas de antecipação de impostos (empréstimos contra receitas futuras estimadas) para financiar o orçamento corrente. Ao mesmo tempo, a administração da cidade teve um complicado relacionamento com os construtores urbanos, os grandes financiadores e empreiteiras especulativas. Por um lado, ela ajudou-os com todo tipo de subsídios (provavelmente lubrificado com subornos para os políticos e sindicatos de construção), mas, por outro, a organização dos bairros e os fortes sindicatos municipais colocaram barreiras políticas aos projetos da indústria da construção. Um *boom*

* No texto *in the wake* que, ao mesmo tempo, significa velório, dando um duplo sentido ao texto N.T.

especulativo da construção (que incluiu o desastre financeiro chamado World Trade Center) no fim dos anos 1960 precarizou ainda mais o mercado imobiliário de Nova Iorque.

O desastre bateu em 1973. A recessão global começou globalmente no setor imobiliário causando sérias dificuldades nas instituições financeiras com amplos interesses nos REITS (Trustes de Investimento na Propriedade Imobiliária), muitos dos quais entraram em colapso. O mercado imobiliário não poderia mais absorver o capital excedente. O governo federal, em dificuldades financeiras devido à década das "armas e manteiga", estratégia para enfrentar uma guerra contra a pobreza interna e uma guerra militar no Vietnã, perdeu o controle internacional assim como o interno sobre suas finanças. O sistema de Bretton Woods que havia fundamentado a ordem financeira internacional entrou em colapso e uma crise fiscal foi gerada internamente com o surgimento de inflação e desemprego. A resposta de Washington foi imediata. No Discurso do Estado da União (State of the Union Address), de 1973, o presidente Nixon assegurou à nação que a crise urbana havia acabado, com o que simplesmente quis dizer que a ajuda às cidades centrais seria cortada. A recessão e a quebra do mercado imobiliário atingiram as receitas de impostos arrecadados na cidade de Nova Iorque. Um governo municipal já fortemente endividado teve de emprestar ainda mais para cobrir suas contas. Mas, em março de 1975, os banqueiros investidores de Nova Iorque recusaram-se a financiar e comercializar a dívida da cidade forçando-a a enfrentar a bancarrota¹¹.

A má administração financeira e a avareza dos sindicatos municipais foram amplamente culpadas pela imprensa capitalista. Enquanto houve mais do que um grão de verdade em ambas as reclamações, os investidores bancários [*investment bankers*] encorajavam havia tempos a cidade a tomar empréstimos, desde que isto fosse um grande negócio para eles e que as dificuldades no setor imobiliário e a drenagem de decentes empregos do setor privado da área central da cidade não fossem feitas pela administração da cidade. A

principal questão é por que os investidores bancários se recusaram a emprestar e assim arriscaram levar à bancarrota aquilo que até então era um dos maiores orçamentos do setor público no mundo com potenciais consequências catastróficas para o sistema financeiro global (o chanceler da Alemanha Ocidental apelou para que Washington não deixasse a cidade ir à bancarrota por receio de um colapso total no sistema financeiro).

As respostas a essa questão são complicadas. Para começar, havia mais do que uma insinuação de racismo na decisão, uma vez que o *establishment* financeiro branco (como oposto a Leonard Bernstein, que deu uma elegante festa para os Panteras Negras) claramente tinha receio da ascensão do poder negro na cidade. A recessão e a crise fiscal proporcionaram uma oportunidade para pôr isso em xeque, enfatizando quem é que realmente segurava as alças da bolsa e do poder. Em segundo lugar, os financiadores estavam receosos do poder dos sindicatos municipais e de sua habilidade para forçar pagamento favorável e pacotes de benefícios a seus membros. Em terceiro, eles se opuseram aos gastos municipais em serviços tais como educação gratuita (incluindo à Universidade Municipal de Nova Iorque com aproximadamente 330.000 estudantes) assim como à expansão de emprego nas áreas de saúde, transporte e saneamento. Em quarto lugar, o poder das organizações de comunidade em deter amplos projetos de construção (o lugar que mais tarde se tornou o Battery Park City esteve em luta desde a metade dos anos 1960) foi considerado uma séria barreira às suas ambições. Finalmente, o setor financeiro estava ele mesmo em dificuldade com o colapso do mercado imobiliário e com o do REITS.

O poder de classe das elites financeiras estava ameaçado e elas necessitavam encontrar um caminho para restabelecer sua posição. Os grandes financiadores e políticos, tais como os irmãos Rockefeller, indubitavelmente amavam sua cidade. Eles apenas queriam refazê-la mais segundo seus próprios desejos íntimos e

assegurar a riqueza e o poder deles mesmos ao fazer tal mudança. A crise fiscal de 1975 foi vista e capturada por eles como a grande oportunidade de fazer exatamente isso.

O que se pôs em movimento em 1975 foi um processo de refazer a cidade de Nova Iorque que teve sua plena fluidez na administração Bloomberg após 2001. Toda a ilha de Manhattan se tornou virtualmente um condomínio fechado para os ultrarricos, para os maiores dos serviços financeiros (como o diretor do Goldman Sachs que neste ano recebeu um bônus de US\$ 52 milhões), para os diretores dos fundos de investimentos de alto risco (o mais importante recebeu compensação pessoal de mais de US\$ 250 milhões em 2005), para os capitalistas financeiros e comerciantes transnacionais, para os magnatas da mídia, estrelas dos esportes e do cinema, para instituições culturais (como o MoMA, cultivado tão assiduamente por Nelson Rockefeller durante os anos 1970 como parte de sua cruzada pessoal para civilizar a cidade pela cultura). A cidade de Nova Iorque se transformou num destino turístico que foi sistematicamente vendido ao resto do mundo como um lugar que deve ser visto (incluindo agora, certamente, o mórbido local onde o fracasso financeiro World Trade Center de David Rockefeller uma vez esteve). Os bairros, antes tristes e pobres em relação à Manhattan, estão também agora sentindo o calor dos empreendimentos à medida que grandes projetos são estendidos sobre o Brooklin, o Queens e, até mesmo, o Bronx.

Mas tudo isto pareceria um sonho nos negros dias de 1975. A cidade, sem nenhum outro lugar para ir, apelou para o governo federal financeiramente sem grana, mas o presidente Gerald Ford, ansioso por exibir suas credenciais conservadoras face a uma reunião de movimentos que logo passou a ser conhecida como Reaganismo e rodeado por assessores financeiros (como o ultraconservador Secretário do Tesouro William Simon, que, quando era uma liderança na área financeira nos anos 1960, encabeçara o encorajamento da cidade de Nova Iorque ao endividamento) e assessores políticos (como o grande urbanista Donald Rumsfeld, como chefe

do grupo Ford), disse "não" ("De Ford para a cidade: Morra" disse a manchete do jornal). A cidade foi condenada como não sendo capaz de pagar sua força de trabalho e as suas contas de manutenção. A solução a que se chegou através de tensas negociações entre investidores bancários e o governador do estado de Nova Iorque (com o prefeito como crescente participante nominal) foi de primeiro estabelecer o que foi denominado Corporação de Assistência Municipal (MAC), depois suplantada pelo Conselho de Controle de Emergência Financeira (EFCB).

O governo da cidade perdeu o controle de seu orçamento. A estrutura que emergiu foi simples. Os rendimentos de impostos fluíram para o "Big MAC" ou para o EFCB e qualquer sobra do pagamento integral às instituições financeiras era então dado à cidade para custear seus serviços. Cortes catastróficos no emprego municipal seguiram (assim como cortes no pagamento e nos benefícios) e a entrega de serviços da cidade em educação, saúde, saneamento e transporte foi severamente reduzida. Os Rockfellers conseguiram um de seus objetivos-chave: a imposição da tutoria sobre a Universidade Municipal de Nova Iorque (por que, diziam eles, deveriam os nova-iorquinos pagar por tal sistema de universidade de massa e gratuito enquanto Chicago não tinha nenhum, convenientemente esquecendo quantos futuros vencedores de Prêmios Nobel foram nutridos através do sistema da cidade). Os sindicatos municipais perderam muito de seu poder. As associações de comunidade foram disciplinadas (o local do Battery Park City rapidamente tornou-se disponível). A democrática cidade de Nova Iorque foi de fato deposta e a ascensão do poder negro foi reprimida pelo golpe financeiro que em seus pormenores foi tão efetivo em termos econômicos como o foi o golpe militar de 1973 no Chile¹².

Mas os investidores bancários também precisavam refazer a cidade numa imagem diferente e a maior questão era como e com o quê. Eles tinham uma vantagem externa. A subida do preço do petróleo após a guerra árabe-israelense de 1973 pôs vasta quantidade de petrodólares à disposição dos Estados do Golfo.

Sabemos agora que os EUA estavam se preparando para invadir a Arábia Saudita em 1973 no sentido de ocupar os poços de petróleo e trazer o preço do petróleo para baixo. Não sabemos o quão sérios eram estes planos, mas sabemos que o embaixador dos EUA na Arábia Saudita negociava um acordo de que os petrodólares seriam todos reciclados através dos bancos de investimento de Nova Iorque. O poder imperial dos EUA arranjava a parte do leão nos negócios globais do serviço financeiro para a cidade de Nova Iorque. Essa indústria (vinculada ao suporte legal necessário e serviços de informação) cresceu para além de toda proporção e propiciou uma forte base econômica para a cidade, assim como um grande meio para uma elite da política econômica restabelecer e confirmar seu poder de classe ¹³.

Porém, a elite dos negócios político-econômicos precisava de algo mais. Eles reconheceram que a indústria manufatureira estava com problemas e buscaram reconstruir a cidade de Nova Iorque como um destino turístico (este foi o famoso momento do “eu (amo) Nova Iorque”, logomarca e campanha publicitária) e para este fim cultivaram o que mais tarde se tornou conhecido como as “indústrias culturais” do teatro, museus e artes gráficas. Eles buscaram reerguer o tradicional papel de Nova Iorque como um centro de mídia. Mas aqui eles se defrontaram com uma contradição. Os cortes nos serviços municipais fizeram da Nova Iorque dos finais dos 1970 e 1980 um meio urbano difícil e mesmo perigoso. A onda de crime e a epidemia do crack que emergiram em resposta ao ataque sobre a classe trabalhadora de Nova Iorque e a supressão do poder negro militaram contra a realização dos objetivos da elite financeira. Tampouco a classe trabalhadora de Nova Iorque sucumbiu sem uma batalha. Greves deixaram lixo apodrecendo nas ruas, a manutenção do metrô se deteriorou e os sindicatos da polícia e dos bombeiros lançaram uma campanha da “Cidade do Medo” que enfatizou os perigos da falta de segurança na cidade aos turistas. A resposta foi reinventar o governo urbano como “governança” – como uma parceria entre a administração da cidade e quem poderia de fato bancar [*stakeholders*] o futuro da cidade, a parte crucial destes sendo os

parceiros dos negócios do centro da cidade, a indústria de turismo, os juros da propriedade privada e (onde fosse apropriado) setores do trabalho (sindicatos da construção em particular). A estratégia foi assegurar Manhattan através da gentrificação, serviços superiores, repressão policial (que alcançou um alto ponto com o revanchismo da administração Giuliani) e empreendimentos imobiliários de luxo enquanto se deixava os bairros deteriorados (ainda deixasse muito do Bronx destruir-se em chamas numa onda de proprietários incendiariamente inspirados) ¹⁴.

Nada disso ocorreu sem luta. Mas essa reformulação do processo urbano da cidade de Nova Iorque foi um momento pioneiro naquilo que se tornou uma estratégia global que se assentava em dois princípios básicos. Primeiro, no caso de um conflito entre o bem-estar de uma população e a taxa de retorno dos bancos investidores esta última deve ser privilegiada. Isto se tornou o credo das estratégias de ajustamento estrutural do Fundo Monetário Internacional (FMI), após 1982, quando a administração Reagan, inicialmente interessada em abolir o FMI como inconsistente com o princípio neoliberal dos mercados livres, reinventou-o no sentido de dar caução à crise irrompida no México, que foi o receptor de todos aqueles empréstimos de petrodólares dos bancos de investimentos de Nova Iorque nos anos de 1970. A vantagem de dar empréstimos a países, observou naquele momento o banqueiro líder Walter Wriston, é que os países não podem desaparecer. O FMI se tornou o instrumento-chave para proteger os bancos de investimentos de Nova Iorque de uma insolvência mexicana. A população empobrecida do México foi forçada a pagar para socorrer os banqueiros de Nova Iorque, do mesmo modo que os cidadãos novaiorquinos foram espremidos pelo EFCB. O segundo princípio é de que governos (de qualquer naipe) devem dedicar-se à criação de um bom clima de negócios. Para fazer isso devem integrar negócios no governo em um novo sistema de governança. Isto também se tornou o mantra tanto do FMI como do Banco Mundial em seus negócios internacionais. Mas novamente atingimos a regra de ouro, que em caso de conflito entre o bem-

estar da população e a criação de um bom clima de negócios, então o último deve ser privilegiado. A justificativa é que uma "ascensão da maré ergue todos os navios" não obstante o quão raro isto assim seja. Em realidade, a abertura das portas aos livres fluxos financeiros mais facilmente cria um tsunami especulativo que se quebra sobre a paisagem econômica destruindo todos os barcos (como no Leste e Sudeste da Ásia em 1997-8 ou na Argentina em 2001) e, ao se retirar, deixa para trás cenas de total devastação social¹⁵.

Mas, retomemos, o ímpeto inicial para toda esta reestruturação urbana foi para a elite político-econômica da cidade de Nova Iorque, como representada primeiramente pelos banqueiros investidores, para restaurar e assegurar seu poder num momento em que o capital excedente foi ameaçado com a desvalorização. Se a assim chamada crise fiscal da cidade de Nova Iorque foi um epicentro-chave para a transformação político-econômica em direção ao neoliberalismo, as ondas de choque foram globais. A revolução neoliberal, na forma de financeirização de tudo, acompanhada por ajustamentos estruturais (através das privatizações, do disciplinamento das forças de trabalho e da retirada do Estado da provisão social), a abertura dos mercados globais e a criação de bons climas de negócio em todo lugar, varreu o mundo todo. O poder de classe tem sido restaurado pelas ou dado às novas elites ricas (como na Rússia e na China)¹⁶. As cidades têm cada vez mais se tornado cidades "de fragmentos fortificados". A cidade está em todo lugar:

"dividindo-se em diferentes partes separadas, com a aparência de formação de muitos 'microestados'. Os bairros ricos equipados com todos os tipos de serviços, tais como escolas exclusivas, campos de golfe, quadras de tênis e polícia privada patrulhando a área 24 horas, permeados por ocupações ilegais onde a água é disponível apenas nas fontes públicas, sem serviço de saneamento existente, a eletricidade é pirateada por uns poucos privilegiados, as ruas se tornam correntes de lama quando chove e onde o compartilhamento da casa é a

*norma. Cada fragmento parece viver e funcionar autonomamente, segurando firme aquilo que se conseguiu agarrar na luta diária pela sobrevivência"*¹⁷.

Mesmo as assim chamadas cidades "globais" do capitalismo avançado são divididas entre as elites financeiras e as grandes faixas de trabalhadores mal-remunerados dos serviços mesclados aos marginalizados e desempregados. Na cidade de Nova Iorque, durante anos do *boom* da década de 1990, as receitas médias de Manhattan subiram em uma pesada taxa de quase 12%, mas aquelas nos bairros caíram entre 2 e 4%. As cidades sempre foram lugares de desenvolvimentos geográficos desiguais (às vezes de um tipo totalmente benevolente e excitante), mas as diferenças agora se proliferam e se intensificam de um modo negativo e até mesmo patológico que inevitavelmente lança sementes de um conflito civil. A luta contemporânea para absorver o capital excedente em uma fase frenética da construção da cidade (basta olhar o crescimento das linhas do horizonte de Xangai, Mumbai, São Paulo e da Cidade do México) contrasta dramaticamente com um planeta mutante de favelas que proliferam. São essas cidades aquela combinação de nosso desejo íntimo? Constroem elas o tipo de pessoas que queremos ser? São essas as relações com a natureza a que nós aspiramos?

Estas são as cidades neoliberais que o capital construiu na sua tentativa desesperada de absorver os excedentes que ele mesmo cria. Dentre tais cidades, vemos "a completude da liberdade para aqueles cuja renda, lazer e segurança não se precisa realçar e uma mera pitada de liberdade para o povo que pode em vão tentar fazer uso de seus direitos democráticos para ganhar abrigo do poder dos detentores da propriedade"¹⁸. A liberdade da cidade foi apropriada por uma elite financeira da classe capitalista em seu próprio interesse. Tem ainda que ser contraposta pelos movimentos populares. É ainda muito tarde para imaginar tal possibilidade? Podem os movimentos sociais urbanos emergirem como sendo da cidade mais do que de fragmentos perdidos da cidade? Se sim, então uma condição

para o sucesso de tais movimentos é confrontar o problema do capital excedente em sua raiz. E isto significa, muito simplesmente, que a acumulação de capital não pode continuar sua trajetória corrente, abstratamente determinar nossos

destinos e fortunas, ditar quem e o que somos e o que nossas cidades devem ser. Vale a pena lutar pelo direito à cidade. Ele deveria ser considerado inalienável. A liberdade da cidade ainda está para ser encontrada.

Notas

1. Park, R. *On Social Control and Collective Behavior*. Chicago, Chicago University Press, p. 3.
2. Lefebvre, H. *Writing on Cities*. Oxford, Blackwell, 1996, p.158.
3. Davis, M. *Planet of Slums*. Londres, Verso, 2006.
4. Engels, F. *The Condition of the Working Class in England*. Nova Iorque, Oxford University Press, 1999 edition.; Harvey, D. *Social Justice and the City*. Londres, Edward Arnold, 1973.
5. A teoria geral de tudo isso pode ser encontrada em Harvey, D. *The Limits to Capital*. Londres, Verso, edição de 2006.
6. A explicação precedente é baseada em Harvey, D. *Paris, Capital of Modernity*. Nova Iorque, Routledge, 2003.
7. Moses, R. "What Happened to Haussmann". In: *Architectural Forum*, 77, 1942, p. 1-10; Caro, R. *The Power Broker: Robert Moses and the Fall of New York*. Nova Iorque, Vintage, 1975.
8. Brenner, R. *The Boom and the Bubble: The US in the World Economy*. Londres, Verso, 2003.
9. Cf. Harvey, D. *A Brief History of Neoliberalism*. Oxford, Oxford University Press, 2005, capítulo 5.
10. Kerner Commission. *Report of the National Advisory Commission on Civil Disorders*. Washington, Government Printing Office, 1968.
11. Ferretti, F. *The Year The Big Apple Went Bust*. Nova Iorque, Putnam, 1976; Tabb, W. *The Long Default: Nova Iorque City and the Urban Fiscal Crisis*. Nova Iorque, Monthly Review Press, 1982.
12. Desenvolvi esta ideia mais amplamente em HARVEY, D. *A Brief History of Neoliberalism*, op. cit, capítulo 2.
13. Alvarez, L. "Britain Says US Planned to Seize Oil in '73 Crisis". In: *New York Times*, 4 de janeiro de 2004, A6; Gowan, P. *The Global Gamble: Washington's Faustian Bid for World Dominance*. Londres, Verso, 1999.
14. Smith, N. *The New Urban Frontier: Gentrification and the Revanchist City*. Nova Iorque, Routledge, 1996.
15. Wade R. and Veneroso, F. "The Asian Crisis: the High Debt Model Versus the Wall Street-Treasury-IMF Complex". In: *New Left Review*, 228, 1998, 3-23; Petras, J. and Veltmeyer, H. *System in Crisis: The Dynamics of Free Market Capitalism*. Londres, Zed Books, 2003.
16. Esta é a principal tese de Harvey D. *A Brief History of Neoliberalism*, op.cit.
17. Balbo, M. citado em National Research Council, *Cities Transformed: Demographic Change and Its Implications in the Developing World*. Washington, D.C., The National Academies Press, 2003, p.379.
18. Polanyi, K. *The Great Transformation*. Boston, Beacon Press, 1954, p. 257.

Trabalho enviado em Agosto de 2009

Trabalho aceito em Setembro de 2009